

## **Ciência, música e sociedade: relações mais intrínsecas do que imaginamos**

Por Cristiane Paião

1960. Era dos grandes festivais da música popular brasileira, e de grandes acontecimentos históricos, que interferiram de diversas formas em todos os setores da sociedade. Uma década que definitivamente entrou para a história, de todas as formas possíveis e imagináveis. Na difícil tarefa de compreender períodos como esse e pensar a realidade que nos cerca, a música vem sendo percebida cada vez mais como um objeto importante de estudos, e nada melhor que o Brasil, celeiro de grandes sucessos e talentos conhecidos internacionalmente no cenário musical, para alavancar a produção científica na área. Afinal, momentos marcantes em que essa relação intrínseca entre a música e a sociedade estejam evidenciadas não faltam!

Como parte de todo um sistema de códigos e práticas que regem a cultura e as sociedades, a música vem despertando o interesse das mais distintas áreas do conhecimento, tanto no campo das ciências humanas e sociais quanto no campo das já tradicionais ciências da música, como a musicologia e a [etnomusicologia](#). A partir dos anos 1970, estudos nas áreas de sociologia, antropologia, história, teoria literária e teorias da comunicação têm se debruçado cada vez mais sobre o tema.

Para entender a música e os diferentes gêneros musicais, é preciso entender a sociedade na qual ela está inserida, assim como para entender uma sociedade, é preciso, entre outros fatores, entender a “música” que nela se insere. Em *Mozart: sociologia de um gênio*, o sociólogo alemão Norbert Elias nos mostra que, para uma biografia ou análise de uma obra ter sentido, é preciso ter conhecimento dos processos sociais e das estruturas de poder em que elas se inserem; é preciso reconstruir o universo social em que se enraíza esse objeto de estudo, ao mesmo tempo em que se desenvolve uma análise da inflexão do simbólico na vida social. Isso porque os fatores que influenciam a produção musical e o gosto de seu tempo são os mais diversos possíveis, e estão sempre interligados, passam por questões culturais, políticas, econômicas, sociais, e até por fatores científicos e tecnológicos – como se pode ver na leitura desta edição da *ComCiência* sobre a relação entre ciência e música.

Para José Geraldo Vinci, historiador da Universidade de São Paulo (USP), por ser uma dimensão da cultura humana, a música está completamente assentada na sociedade da qual faz parte. “A música revela e constroi a sociedade da qual participa, e é, ao mesmo tempo, construída por ela. A música faz parte do universo humano, da cultura humana, e obviamente influencia os modos de vida e as relações sociais dos que estão a sua volta; e a sociedade, por outro lado, está construindo a música a todo momento, reconstruindo e repensando. Essas relações são como uma via de mão dupla, não dá para separar uma coisa da outra”, afirma.

Segundo Vinci, a música foi – e ainda é – no Brasil uma forma de expressão escolhida pela sociedade para se comunicar de maneira geral, e também para protestar. Isso está relacionado com o processo de formação da sociedade brasileira e seu histórico de exclusões. “A música aqui está muito entranhada na nossa mentalidade, no nosso universo cultural e relações sociais. A música tem papel fundamental para nós e a vivemos cotidianamente com muito ânimo e energia”, observa. Ele lembra que sempre foi pequena a parcela da população com acesso à cultura escrita e à leitura de jornais e revistas, especialmente até o início do século XX, o que torna a música um mecanismo fundamental e diversificado de mobilização e comunicação social. “Isso significa que ela pode apresentar temáticas que passam por questões como amor, até as questões políticas e de protestos sociais”, continua. Para Vinci, o universo musical no Brasil está extremamente entranhado na sociedade brasileira e se apresenta de maneira dispersa, diversificada e pluralizada. Além disso, “historicamente ela se tornou um fator de identidade nacional bastante importante. As pessoas se identificam com ela, a gente se vê nela e se imagina, com ela, participando de uma mesma comunidade e tem orgulho dela (da comunidade e da música). Assim, a música serve para nos entendermos e nos caracterizar

como sociedade, e também para que o outro – as outras sociedades – nos veja desse modo singular”, completa.

De acordo com Rita de Cássia Lahoz Morelli, antropóloga da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), há uma percepção cada vez mais aguda do poder de mobilização que envolve a música, e da sua capacidade de “linkar” dimensões da cultura e da sociedade, por um lado; e por outro, de “linkar-nos” uns aos outros em totalidades raras e importantes para nossa sobrevivência como seres afetivos, criadores de cultura e atuantes na sociedade. “Eu gosto de uma afirmação do Anthony Seeger (antropólogo e etnomusicólogo americano) segundo a qual a gente procura estudar a sociedade e a cultura por meio do estudo da música porque há algumas coisas que não se pode conhecer a não ser por meio dela”, diz Morelli.

É o caso, por exemplo, dos momentos em que a música pode influenciar ou refletir as transformações sociais de um país, como a música que é produzida para agradar ao público de um determinado contexto histórico e social, por um lado; e, por outro, a música que chega para “mudar um paradigma”, para causar algum tipo de mudança no que já existe, e tempos depois, acaba se tornando aquela do gosto do tempo e do meio, se torna “clássica”, e até chega a ser consumo de massa.

Na década de 1960, época dos grandes festivais da música popular brasileira, surgiram no mundo todo projetos culturais e ideológicos alternativos – os movimentos pela busca de direitos civis, como o feminismo, os movimentos em favor dos negros e dos homossexuais, e os movimentos indutores de mudanças de comportamento, como os hippies, por exemplo; o mundo vivia a Guerra Fria, que dividiu o planeta em dois polos distintos: capitalistas e socialistas; é a época da revolução cubana, Fidel Castro ao poder, e dos golpes militares que assolaram a América Latina com os regimes ditatoriais. Talvez por isso, essa década tenha ficado tão conhecida como um dos grandes momentos da história, em que o idealismo e o entusiasmo pelo espírito de luta do povo ficaram mais evidentes, nas mais distintas formas de expressão promovidas pela arte, afinal, o mundo todo estava fervilhando e, como não podia deixar de ser, um cenário como esses só poderia provocar grandes inspirações no cenário cultural!

No Brasil, marcado pelo golpe militar de 1964, surgem os protestos juvenis contra a ameaça de endurecimento dos governos, e é nesse cenário que os festivais da MPB se destacam, através das metáforas presentes nas letras musicais, como uma forma alternativa de expressão político-ideológica da juventude naquele momento diante da repressão da ditadura militar. Os festivais foram um gênero de programa televisivo apresentados entre 1965 e 1985 por várias emissoras de televisão brasileiras (Excelsior, Record, TV Rio, Tupi e Rede Globo), em que intérpretes e compositores da música popular brasileira, como Elis Regina, Edu Lobo, Vinícius de Moraes, Elza Soares, Geraldo Vandré, Chico Buarque e Caetano Veloso, por exemplo, competiam em batalhas musicais ovacionadas pelo público, que além acompanhar tudo pela TV, lotava os teatros durante as apresentações realizadas em grandes noites de gala.

Além de envolver uma grande polêmica com a canção *Sabiá*, de Chico Buarque e Tom Jobim, com a qual disputava o primeiro lugar do festival – e para a qual perdeu no voto do júri oficial – a canção *Pra não dizer que não das falei de flores*, de Geraldo Vandré – a favorita do júri popular –, virou hino da resistência à ditadura e serviu como uma das motivações para os militares decretarem o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que impunha o recesso do Congresso, das Assembleias Legislativas e Câmara dos Vereadores, e suspendia os direitos políticos por até 10 anos e o *habeas corpus* nos casos de crime político contra a segurança nacional. Depois de ficar em segundo lugar naquele Festival Internacional da Canção de 1968, a música de Vandré teve sua execução proibida durante anos pela ditadura militar brasileira.

Mas o festival daquele ano também ficou famoso por uma outra polêmica: na noite da final, em 28 de setembro de 1968, Caetano Veloso foi quase que literalmente espinhafrado pelo público no palco do Tuca, Teatro da Universidade Católica de São Paulo. O episódio – que fez Caetano reagir a uma chuva de ovos e tomates com um dos mais contundentes discursos da história recente do país – faz parte de um dos mais interessantes capítulos da música popular brasileira. Pouco tempo depois, as inovações na música representadas pelo tropicalismo liderado por Caetano e Gilberto Gil caíram no gosto popular e, anos mais tarde, as canções do movimento, como *Alegria alegria* e *Domingo no parque*, se tornariam clássicos da MPB.

“Eu não sei se a música provoca transformação, mas eu acho que ela expressa uma experiência subjetiva que, num determinado momento, pode ser compartilhada, e por isso o sucesso dela”, explica Morelli, ao falar sobre a relação entre a música e o contexto político e social da época, objeto de estudo de sua pesquisa atual. “A cultura é um fluxo, não é algo parado no tempo. Cada um lê o mundo de uma maneira diferente, experimenta de uma forma diferente, e tudo isso vai sendo expresso de uma forma diferente pelos artistas,

que, de certa forma, vão tendo um papel de difusão dessas mudanças que eles vão experimentando. E as pessoas, que estavam sentindo, mas que ainda não tinham como se expressar, se identificam com elas. Acho que é por isso que vira clássico, porque responde a uma demanda coletiva”, acrescenta.

**Para saber mais:**

Liderado por Vinci, o grupo de pesquisa [Entre a memória e a história da música](#) possui uma página eletrônica na internet em que disponibiliza um balanço de parte dessa produção universitária ([www.memoriadamusica.com.br](http://www.memoriadamusica.com.br)). Por meio de um banco de dados que mapeia e quantifica essa nova produção historiográfica realizada exclusivamente nos diversos programas de história, é possível ter acesso a artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, e publicações como revistas e periódicos da área.